

TÁ VENDO AQUELE EDIFÍCIO, MOÇO?

FOI UM DESAFIO EXTREMO PARA OS OPERÁRIOS A MONTAGEM DAS ESTRUTURAS METÁLICAS DOS MINISTÉRIOS. ERA UMA TECNOLOGIA QUE OS ENGENHEIROS BRASILEIROS DESCONHECIAM E UMA ATIVIDADE DE RISCO PARA O PEÃO

» CONCEIÇÃO FREITAS

Em nenhuma outra obra de Brasília se exigiu mais dos operários brasileiros do que nos onze primeiros ministérios e nas duas torres do Congresso Nacional. A estrutura metálica era uma tecnologia desconhecida até mesmo para engenheiros e arquitetos brasileiros da época. O peão de obra que deixou a enxada para se pendurar em esqueletos de ferro arriscou a vida e conseguiu montar, com rebites incandescentes lançados de baixo para cima e pegos no ar, o quebra-cabeças que sustenta os ministérios e o Anexo I do Congresso.

A construção do domínio verde da Esplanada foi possível a partir de um desastroso contrato da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap) com uma empreiteira. A barafunda começou com um pedido de empréstimo de 10 milhões de dólares pedido ao Export-Import Bank, no fim de 1956. A contrapartida, segundo

se comentava à época, era que o Brasil contratasse uma empresa norte-americana para participar da construção de Brasília. "Americano não dá ponto sem nó", traduziu o engenheiro Cláudio Sant'Anna, um dos muitos a sugerir que o empréstimo havia sido uma operação casada.

Menos de um ano depois da concessão do empréstimo, a Novacap assinou contrato com a Raymond Concrete Pile Company, para o fornecimento e a montagem das estruturas metálicas de 16 ministérios, da barragem do Lago Paranoá e das duas torres do Congresso Nacional. A Raymond faria a obra e a Novacap, a fiscalização. No contrato assinado em novembro de 1957, foi fixado o prazo de quatro meses para a montagem das estruturas do primeiro ministério e, daí em diante, os demais teriam de ser concluídos em oito meses, "na razão de dois prédios ao mês", conforme revela o pesquisador Luís Carlos Lopes, em *Brasília, o enigma da esfinge*. Engenheiros e técnicos americanos vieram para Brasília,

construíram confortáveis casas de madeira, em estilo tipicamente americano, no acampamento Tamboril, na hoje Vila Planalto, mas até meados de 1958, nem sinal de obra na área destinada aos ministérios.

Pinga e papel higiênico

Foi quando o presidente da Novacap, Israel Pinheiro, avisou aos executivos da Raymond, em carta enviada aos EUA, que o secretário de Estado John Foster Dulles, em breve visita ao Brasil, viria a Brasília para "apertar o primeiro parafuso da primeira peça das estruturas metálicas levantadas para o primeiro edifício ministerial". Assim foi. A 6 de agosto de 1958, Dulles veio e apertou o primeiro parafuso da primeira estaca de aço do prédio destinado ao Ministério das Relações Exteriores (que só seria concluído em 1970). Poderia ser o prenúncio de que tudo correria bem dali em diante, mas não foi o que aconteceu. Com o tempo,

começou-se a perceber que os norte-americanos estavam metendo os pés pelas mãos e não conseguiam avançar com a obra na rapidez necessária. "Os americanos chegaram (ao Brasil) cheios de exigência", conta Juca Chaves. "Queriam ar-condicionado, trouxeram geladeira, tudo o que não tínhamos nos acampamentos. Queriam que a Novacap pagasse até a roupa deles. Até o papel higiênico eles colocavam na conta." Logo, começaram a surgir "suspeitas generalizadas de corrupção e fraude", conta o pesquisador Luís Carlos Lopes. A Novacap, então, decidiu fazer uma auditoria na Raymond, que atuava no Brasil com o nome fantasia de Construtora Planalto (daí a Vila Planalto).

Um ano depois de iniciadas as investigações, fez-se um relatório das irregularidades: desperdício de materiais, excesso no consumo de combustível, irregularidades no departamento de compras, corrupção na compra de areia para a barragem do Lago Paranoá, irregularidades na contratação de pessoal, salários muito elevados

para os norte-americanos e para alguns brasileiros; falta de higiene e de estruturas sanitárias nos alojamentos e canteiros de obras, presença de varíola, alimentação de má qualidade e situações de indisciplina e agitação social.

Aquela altura, Juscelino e Israel Pinheiro sabiam que os americanos estavam pondo em risco a transferência da capital. "Por diversas vezes — escreve JK em suas memórias —, chamei a atenção dos diretores da firma (Raymond) para a necessidade de que se adaptassem ao 'ritmo de Brasília'. Prometiam. Garantiam que o serviço seria acelerado. Asseguravam a chegada de novos técnicos e melhor equipamento. E, assim, os dias iam passando, sem que se observasse qualquer progresso na obra." Juscelino lembra, em *Por que construí Brasília*, que os norte-americanos "antes do início dos trabalhos preocupavam-se exclusivamente com seu conforto pessoal (...). A noite era consumida em alegres rodadas de uísque. Nada de flama, do élan, da preocupação de bater recordes

característicos do espírito de Brasília." JK referia-se à construção da barragem, mas o comportamento dos americanos, segundo vários depoimentos de candangos ao Arquivo Público, não mudou em nenhuma das obras que lhes foram destinadas em Brasília. Até água foi servida em substituição ao café da manhã, constatou a auditoria.

Cometas de fogo

Prenunciado o desastre, Israel decidiu rever o contrato com a Raymond. Foram feitas "modificações substanciais, quase uma rescisão de contrato", escreve Luís Carlos Lopes. Os norte-americanos arrumaram as malas e só deixaram na cidade as belas casas de madeira da Vila Planalto e alguns representantes encarregados formalmente de acompanhar as obras até 31 de dezembro de 1959, quando deveriam ficar prontas. Um pool de empreiteiras brasileiras assumiu as obras e operários, que nunca haviam visto uma

viga metálica, continuaram arriscando suas vidas para dar conta de concluir o serviço.

"Foi uma dificuldade muito grande", relembra o arquiteto João da Gama Filgueiras Lima, o Lelé, que veio para Brasília, recém-formado, em 1957. "Nós não tínhamos nenhuma tradição de aço, foi uma coisa incrível as empresas terminarem os ministérios após o rompimento do contrato". Foi um desafio extremo para os candangos. Os operários, sem nenhum equipamento de segurança, pendurados nos andaimes mais baixos lançavam os rebites incandescentes, para os operários que estavam mais acima. Com luvas reforçadas, eles pegavam no ar o aço em brasa e fixavam a peça nos pilares e vigas para fundi-los num só corpo estrutural.

Quando anoitecia, cometas de fogo pareciam cortar a escuridão da Esplanada. Eram os candangos lançando os rebites afoqueados, construindo a nova capital e arriscando o único bem que possuíam.

Fotos: Cosac Naily/Reprodução



FÓRUM VERDE, METÁLICO E SUSTENTÁVEL

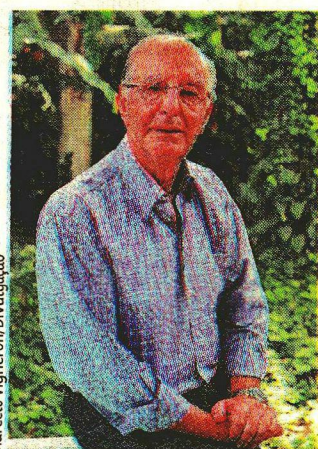
A estrutura metálica está de volta a Brasília agora em uma versão sustentável. Não estão mais escondidas atrás de uma capa de concreto e uma cortina de brise-soleil nem se resumem ao esqueleto da obra. O aço sustenta agora uma peça de arquitetura contemporânea que segue critérios internacionais de construções sustentáveis e respeita exemplarmente as escalas do Plano Piloto. Inaugurado em abril passado, o Fórum do Meio Ambiente e da Fazenda Pública do Distrito Federal, que tem sido chamado de Fórum Verde, fica atrás do Palácio do Buriti, nas proximidades dos prédios da Codelan e da Terracap.

O prédio de linhas brancas, vidros verdes e um volume vertical vermelho é a primeira obra pública de Brasília a atender as premissas do Green Building Council (LEED), certificado internacional de construção sustentável. O prédio também corre ao prêmio GBC 2011, concedido pela mesma instituição. Com estruturas metálicas aparentes, o Fórum Verde aproveita a iluminação natural e a ventilação cruzada em todos os ambientes, como explica o arquiteto

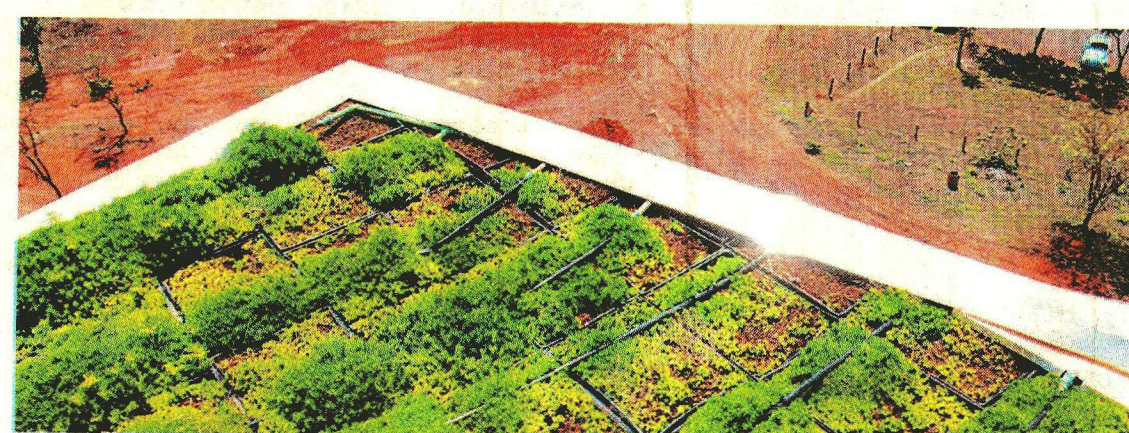
Siegbert Zanettini, da Zanettini Arquitetura, escritório responsável pelo projeto com a arquiteta Sandra Henriques. O volume sobressai na vizinhança de blocos antigos, construídos sob a influência da arquitetura do concreto armado.

O bloco de vigas quadriculadas oferece, a quem o visita, uma sucessão de boas surpresas tecnológicas/arquitetônicas/ecológicas. A leve rotação do edifício dentro do terreno, recuando metade da obra, permitiu a criação de floreiras em todos os pavimentos, o que ajudou a "humanizar o ambiente, ajudar na proteção do sol e melhorar a qualidade do ar", como explica Zanettini, um dos mais importantes arquitetos brasileiros no uso da tecnologia do aço. A cobertura virou um jardim, o que reduz o calor do prédio. Ao lado, existe uma estação compacta de tratamento de esgotos, a captação de águas pluviais, a reutilização de águas pluviais para fins não potáveis (descarga, lavagem de pisos, irrigação de jardins).

Cuidados que não foram levados em conta na construção de Brasília. Naquele tempo, a arquitetura moderna não levava em conta a sustentabilidade da obra. "O



Siegbert Zanettini: arquitetura não tem apenas função estética



A sede do Fórum de Meio Ambiente e da Fazenda Pública tem jardim na cobertura, esquadrias em avarandado e coletor de águas pluviais: exemplo de arquitetura sustentável



movimento modernista foi unidimensional, partia de uma visão estética. Nisso, se difere da arquitetura contemporânea, que tem uma visão holística, que junta o racional ao sensível. É uma visão mais complexa, que busca atender aos condicionantes naturais da vida humana", explica Siegbert Zanettini, em entrevista por telefone.

Essa visão mais complexa da arquitetura era minoritária, quase invisível, nos tempos da construção de Brasília e na primeira década depois. Zanettini cita Rino Levi como um dos poucos arquitetos do período a terem preocupações com a obra sustentável. Levi participou do concurso do Plano Piloto de Brasília. Quando a cidade foi inaugurada, Siegbert Zanettini estava concluindo o curso de arquitetura na Universidade de São Paulo (USP). Como todos os de sua época, ficou impressionado com a construção de Brasília, ainda que pertencesse a uma outra escola, a paulista, que se pautava

por preocupações mais tecnológicas, ao contrário da carioca, que exaltava a questão estética, como explica o próprio Zanettini.

Em comemoração aos seus 50 anos de carreira (e mais de 1,2 mil projetos construídos), Siegbert Zanettini lançou o livro *A boa arquitetura de uma geração*, resultado de uma exposição que reuniu a obra de 18 arquitetos brasileiros que se destacaram pela qualidade de sua produção. Entre eles estão João da Gama Filgueiras Lima, o Lelé, Joaquim Guedes, Paulo Mendes da Rocha, Ruy Ohtake. "O mundo só conhece Oscar Niemeyer, mas ele não é o único grande arquiteto brasileiro", diz Zanettini. (CF)



O secretário de Estado norte-americano, John Foster Dulles, veio a Brasília em agosto de 1958 e bateu o primeiro parafuso na primeira estaca do Ministério das Relações Exteriores. Com esse gesto, Juscelino esperava convencer os norte-americanos que vieram montar as estruturas de aço a agirem com mais rapidez. A demora na execução das obras, somada às muitas irregularidades constatadas em auditoria, fez a Novacap romper o contrato com a empresa americana



Estruturas metálicas cobriam o chão do cerrado na Esplanada dos Ministérios e na Praça dos Três Poderes. A construção dos blocos pôs em risco a vida dos operários que não sabiam trabalhar com aço e rebite incandescente

LEITURAS

- » *Brasília, o enigma da esfinge*, Luís Carlos Lopes, Editora da UFRS/Editora Unisinos, 1996
- » Depoimentos ao Programa de História Oral do Arquivo Público de Brasília
- » *Por que construí Brasília*, Juscelino Kubitschek, Senado Federal, 2000
- » Revista *Brasília*, número 20, agosto de 1958

AGRADECIMENTO

» D.A. Press

» LEIA NA EDIÇÃO DE 22 DE OUTUBRO DE 2011

Entre o fim de 1957 e o começo de 1958, Brasília começa a parecer possível. Já existe no mapa. As principais vias estão cortadas, o Eixo Monumental é asfaltado, os blocos das superquadras já surgem das fundações, os ministérios e o Congresso Nacional recortam a paisagem. Tem início as obras do Palácio do Planalto e do Supremo Tribunal Federal.

www.correiobraziliense.com.br

Acompanhe nos hot site mapas, filmes, fotos e textos que contam a história das obras de Brasília construídas até a inauguração